



**ENAN
PUR** 2023
Belém 22 a 26 de maio



DO COMPLEXO FABRIL ÀS FORMAS DE MORAR NA VILA DAS PALMEIRAS, RIO LARGO/AL

Gustavo Henrique da Silva Cavalcante
Universidade Federal de Alagoas

Adriana Guimarães Duarte
Universidade Federal de Alagoas

Caroline Gonçalves dos Santos
Universidade Federal de Alagoas

Sessão Temática 06: Cidade, história e identidade cultural

Esse artigo visa dissertar a respeito do desenvolvimento da cidade fabril no Brasil, diante do recorte geográfico da cidade de Rio Largo/AL, com propósito de se entender o "modus vivendi" da sociedade durante o apogeu da Companhia Alagoana de Fiação e Tecido (CAFT). Busca ainda aprofundar reflexões a partir do estudo da casa do operário braçal, visto que essa era a tipologia predominante na paisagem urbana e devido a singeleza estética, muitas vezes é invisibilizada, inclusive, no entendimento sobre a sua representatividade enquanto patrimônio cultural a ser preservado. Através de visitas "in loco", levantamento arquitetônico e consultas a produções acadêmicas acerca do sítio estudado, pode-se compreender melhor o contexto urbano e o objeto de estudo. Ao fim, deseja-se tomar como conclusão como se deu a estruturação social em determinada época como forma de auxiliar estudos futuros e contribuir com a historiografia do urbanismo brasileiro.

Palavras-chave. Cidade, Rio Largo, Fábrica, Patrimônio.

FROM THE FACTORY COMPLEX TO THE WAYS OF LIVING IN VILA DAS PALMEIRAS, RIO LARGO/AL

This article aims to discuss the development of the factory city in Brazil, in the face of the geographical area of the city of Rio Largo/AL, with the purpose of understanding the "modus vivendi" of society during the heyday of the Companhia Alagoana de Fiação e Fabric (CAFT). It also seeks to deepen reflections based on the study of the manual worker's house, since this was the predominant typology in the urban landscape and due to its aesthetic simplicity, it is often made invisible, even in the understanding of its representativeness as a cultural heritage to be preserved. Through "in loco" visits, architectural surveys and consultations with academic productions about the studied site, it is possible to better understand the urban context and the object of study. In the end, it is desired to conclude how the social structure occurred at a certain time as a way to help future studies and contribute to the historiography of Brazilian urbanism.

Keywords: City, Rio Largo, Factory, Heritage.

DEL COMPLEJO FÁBRICA A LAS FORMAS DE VIVIR EN VILA DAS PALMEIRAS, RIO LARGO/AL

Este artículo tiene como objetivo discutir el desarrollo de la ciudad fabril en Brasil, frente al área geográfica de la ciudad de Rio Largo/AL, con el objetivo de comprender el "modus vivendi" de la sociedad durante el apogeo de la Companhia Alagoana de Fiação e Fabric (CAFT). También se busca profundizar reflexiones a partir del estudio de la casa del trabajador manual, ya que esta era la tipología predominante en el paisaje urbano y por su sencillez estética muchas veces se invisibiliza, incluso en la comprensión de su representatividad como patrimonio cultural. Para ser preservado a través de visitas "in loco", levantamientos arquitectónicos y consultas con producciones académicas sobre el sitio estudiado, es posible comprender mejor el contexto urbano y el objeto de estudio. Al final, se desea concluir cómo ocurrió la estructura social en un momento determinado como una forma de ayudar a futuros estudios y contribuir a la historiografía del urbanismo brasileño.

Palabras clave: Ciudad, Rio Largo, Fábrica, Patrimonio.

1. Desde o velho continente à industrialização no Brasil

O marco da industrialização na Europa, de acordo com Castro (2017), se deu entre os séculos XVII e XVIII (primeira revolução industrial), quando o estabelecimento das indústrias na Inglaterra fez com que vilas operárias começassem a ser instaladas próximas às fábricas. Com os operários morando perto do núcleo fabril, as interferências e contatos externos entre o trabalho e a casa foram diluídos, aumentando a disponibilidade do trabalhador com o intuito de aumentar a produtividade. Ao mesmo tempo que a relação de poder e controle do empregador sobre o empregado aumenta, este último passa a viver sob melhores condições de salubridade e infraestrutura, de modo que os proprietários das fábricas investiam na qualidade espacial da cidade para manter os trabalhadores sob sua influência. Nesse sentido (NOBRE, 2011, p. 2-3, grifo dos autores):

[...] a gênese das cidades deixou de ser um acontecimento natural e passou a ser providencial, nela reuniam-se os comerciantes e a riqueza por eles acumulada, surgindo à classe burguesa. Com o fortalecimento da burguesia, a cidade foi apropriada pelo capital, facilitando a circulação de mercadorias para a obtenção do lucro e a monetização das relações de troca.

Ainda sobre o impacto da industrialização das cidades Choay (1992), em seu livro "O Urbanismo", apresenta o contexto social que caracterizava as principais cidades europeias durante o início do século XIX, bem como os conflitos urbanos e a racionalização das terras, conforme destacado no trecho a seguir:

A revolução industrial é quase imediatamente seguida por um impressionante crescimento demográfico das cidades, por uma drenagem dos campos em benefício de um desenvolvimento urbano sem precedentes. O aparecimento e a importância desse fenômeno seguem a ordem e o nível da industrialização dos países. A Grã-Bretanha é o primeiro teatro desse movimento, sensível desde os recenseamentos de 1801; na Europa, a França e a Alemanha seguem-se a partir dos anos 1830 (CHOAY, 1992, p. 3, grifo dos autores).

A cidade de Manchester (Inglaterra) exemplifica o processo de expansão citado pela autora. Percebe-se, de forma intencional, que as fábricas se instalaram próximo a rios devido à necessidade de água em seu processo produtivo, situação análoga encontrada em diversos arranjos espaciais de mesma natureza (Figura 1).

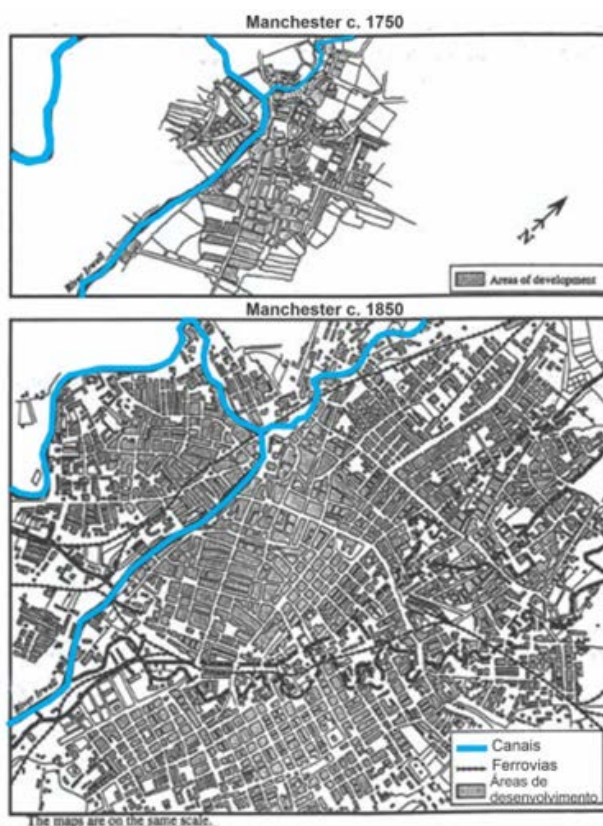


Figura 1: Mapas comparativos sobre o desenvolvimento urbano da cidade de Manchester - Inglaterra, entre 1750 e 1850. Em azul o River Irwel.

Fonte:<<https://developmentofmanchester.weebly.com/industrial-revolution.html>> . Adaptado pelos autores, 2022.

Como pode ser visto na Figura 1, a cidade duplicou seu tamanho no período de 100 anos. Além do margeamento do corpo d'água, em 1750 surgem as linhas de ferro para trens a vapor, como forma de transporte modal para escoamento de produção das fábricas, tal percepção pode ser aferida no mapa de 1850.



Figura 2: Mapa de Manchester e Salford em 1750. Pode-se observar com maior clareza a organização espacial. À esquerda sem alterações e à direita com adaptações dos autores (2022).

Fonte: <<https://developmentofmanchester.weebly.com/1700s.html>>

Na Figura 2 é notável o surgimento do núcleo inicial de forma racional e com uma região central mais adensada e a periferia rural, provavelmente para a produção de subsistência. Não é possível identificar quais dessas seriam, de forma clara, vilas operárias, mas se sabe que as fábricas ocuparam as margens do Rio Irwell e se vê uma estrada mais retilínea que levava diretamente ao que seria a fábrica mais importante (ver tracejado vermelho em Figura 2). Ao redor dessa área, supõem-se, seriam as vilas operárias próximas ao local de trabalho (ver tracejado amarelo em Figura 2). Com efeito, é oportuno lembrar a citação de Benevolo (2003, p. 551 apud TIMM, p.39):

[...] em consequência do aumento demográfico e das transformações da produção. Os camponeses cultivadores diretos se tornaram assalariados, ou operários da indústria, e se transferem para onde existe disponibilidade de força motriz para os estabelecimentos industriais, isto é, nas proximidades dos cursos d'água. [...] Deste modo as cidades cresceram mais rapidamente que o restante do país, porque acolhem seja o aumento natural da população, seja o fluxo migratório dos campos.

Ainda sobre as configurações espaciais dos núcleos fabris, Correia (1998) destaca que embora a orientação e organização apresentem diversidade, algumas preocupações como a segurança, saúde e economia resultaram em aglomerados de baixa densidade e pequenas dimensões, na maioria dos casos¹. Consoante com os requisitos de higiene e controle social:

[...] a amplidão das áreas não construídas - quintais, ruas, praças e terras rurais contíguas - favorecia o arejamento das construções e a drenagem das águas de chuva e dos esgotos. Preocupações relativas à saúde também se expressavam na criação de sistemas simplificados de esgotamento sanitário e de abastecimento d'água, bem como na planta das moradias. A tendência à segmentação, a espacialização e à hierarquização do espaço, repartindo e classificando os corpos e demarcando o lugar próprio para cada atividade, é solidária com o controle dos comportamentos individuais (CORREIA, 1998, p. 98-99).

Para além dos serviços básicos como moradia e trabalho, buscava-se ainda, satisfazer os desejos materiais, sociais e morais dos trabalhadores, segregando-os no núcleo fabril. Para tanto, eram também oferecidos “equipamentos e serviços que os industriais julgavam necessários à existência e à ocupação do tempo livre dos trabalhadores”. Isolando-os como “ilhas de trabalho e de reprodução de trabalhadores” (CORREIA, 1998, p. 91). São inúmeros os exemplos de vilas operárias que disponibilizavam diferentes opções de atividade produtiva e de serviços que se somavam à fábrica têxtil, como Moreno, em Pernambuco, construída a partir de 1908. Fernão Velho², Maceió-Al, onde em 1857 se instalou o primeiro complexo industrial têxtil da região Nordeste, originalmente chamada de “Companhia União Mercantil”³, possuía igreja, escola, quadras de jogos para a prática esportiva dos operários, espaço para exibição de filmes clássicos da época e peças de teatro (o Cine Teatro S. José), clube recreativo (o Recreio Operário) para a realização de bailes e apresentações artísticas com ênfase nos folguedos e manifestações tradicionais alagoanas, pois a comunidade possuía grupos de Pastoril, Caboclinho, Chegança e Baianas⁴. Quanto à implantação dos respectivos prédios comunitários, verifica-se que é recorrente uma divisão funcional do espaço, seguindo um princípio simplificado de zoneamento que separava as atividades de comércio e serviços das áreas residenciais.

Dos favorecimentos da implantação das indústrias têxteis visando assegurar a máxima produtividade do trabalho, ressalta-se ainda, os benefícios decorrentes da economia mecanizada. Beneficiados pelas recentes descobertas científicas que impulsionaram os processos produtivos, possibilitando o desenvolvimento de novos potenciais energéticos, como a eletricidade, surgem novos campos de exploração industrial em nível mundial. No Brasil, os efeitos da revolução industrial na Europa são evidenciados em meados do século XIX, quando a implantação de fábricas de fiação e tecidos adquiriu dimensões até então nunca alcançadas.

Em estudo elaborado por Vianna (2004), a prática da construção de vilas operárias pelo Brasil é situada entre as duas últimas décadas do século XIX e os anos quarenta do século XX. A implantação das indústrias têxteis no país se deu por volta de 1850, sendo que em 1885 o território nacional já contava com uma média de 42 fábricas de tecidos. No Nordeste, a Bahia constituiu o primeiro centro industrial têxtil do país sendo hegemônico até aproximadamente 1860. Com a expansão da rede ferroviária no Sudeste muitas fábricas passaram a se concentrar na região deslocando essa centralidade (LIMA & SANSON, 2008 apud RODRIGUES, 2016).

Segundo Bonduki (1998 apud TIMM, 2015) o Brasil apresentou algumas problemáticas resultantes das questões socioeconômicas locais. Em 1840 o país ainda era majoritariamente agrário e sofria da escassez de mão de obra livre, já que o regime escravista perdurou, legalmente, até 1888. Ademais, as empresas localizavam-se em glebas isoladas e longe dos centros urbanos ou cidades de pequeno porte. Esses locais não possuíam estrutura habitacional em quantidade adequada para atender a demanda das empresas, e os aluguéis atingiam valores elevados.

Em 1857, como já citado, a fundação em Alagoas da primeira fábrica têxtil no bairro de Fernão Velho, no município de Maceió, trouxe consigo outras edificações pertencentes à fábrica, como a vila operária (TAVARES, 2016). Porém, este artigo tratará das fábricas têxteis Progresso e Cachoeira, implantadas no final do século XIX no município de Rio Largo, cujos remanescentes arquitetônicos revelam dados importantes sobre a historiografia de Alagoas.

Da estrutura dinamizadora da cultura têxtil percebe-se evidências documentais, por meio do seu patrimônio edificado, registros das relações de poder e da sua imbricada rede de significados, segundo Vianna; Oliveira Júnior (2020, p. 5):

A vila operária, embora considerada por muitos um exemplo de modelo econômico, demonstra socialmente aspectos de dependência em vários sentidos da vida particular de seus operários. O domínio da fábrica se espalhava desde o controle de capital, ao controle da vida social, da educação e da saúde, em todos os aspectos existia um caráter de domínio entre patrão e empregado.

As relações e dinâmica social que aconteciam em virtude da fábrica e a família proprietária é explorada de forma ilustrativa no breve documentário: "Paulista, a invenção dos Ludgren", de Cristiane Dourado (2005). O filme retrata o acontecido na cidade pernambucana de Paulista, o que não foi muito diferente das rotinas sociais de Rio Largo, em que todo o cotidiano era estabelecido em função do trabalho fabril. Como se pode ver nos dois trechos a seguir extraídos de Cunha, (2015, p. 132):

Aquela Cachoeira, aquela máquina, aquilo ali... Era que nem uma mãe pra gente!

Quando a fábrica apitava, que saia o povo de lá de cima e a daqui de baixo.

Faz-se importante destacar que os registros de oralidade demonstram, com certa recorrência, posições contraditórias que acentuam o caráter de mando, de autoridade e de controle associadas a narrativas que demonstram um sentimento de gratidão acentuadas pelos “ganhos”: moradia, saúde, educação, que o local socializado oferecia. Contudo, conforme nos lembra Correia (1998, p. 99): “Subjacentes a essa organização estão a intenção e a crença na possibilidade de construção de um grupo de trabalhadores homogêneo, com um mesmo modelo de vida e com necessidades uniformes”. Ou seja, percebe-se, hoje, que as estratégias então utilizadas para garantir a produtividade, por vezes, não se evidenciam à comunidade, de modo que o espaço como se apresenta, parece não mais expor, os domínios da sociabilidade, o caráter restritivo de interação entre moradores, o “adestramento dos corpos”, a busca pela “disciplina das comunicações, evitando ajuntamentos, promiscuidade entre vizinhos e contatos suspeitos” (CORREIA, 1998, p. 99).

2. Bem-vindo à Rio Largo



Figura 3: Localização

Fonte: Autoral, 2022.

Partindo dos estudos de Reis Filho (1978), a arquitetura e a estrutura urbana são resultantes das solicitações socioculturais e do estágio tecnológico da época em que se inserem. Por isso, torna-se necessária a análise dessas relações e suas transformações em cada contexto histórico, a fim de obter justificativas a respeito da configuração dos elementos estruturantes da paisagem urbana. Identifica-se, sob essa perspectiva, essa influência mútua das transformações do contexto urbano e das relações sociais, econômicas e culturais em Rio Largo.

Outrossim, o desenvolvimento da indústria têxtil na cidade se deu, entre outros fatores, a partir da instalação das vias férreas, as quais possibilitaram o escoamento da produção e o fornecimento de matéria-prima. Nesse contexto, as vilas operárias com: as unidades habitacionais, equipamentos e serviços coletivos, construídas pela Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos (CAFT), no complexo industrial em Rio Largo, resultam das demandas da Fábrica Cachoeira (1888-1968) e Fábrica Progresso (1892-1980), implantada em trechos de pequenos encachoeiramentos do rio Mundaú, aproveitando do curso do rio como força motriz, passando a utilizar chaminés e caldeiras posteriormente. A partir dessas edificações a indústria assume alto grau de influência sobre a cidade e sobre a vida dos operários das fábricas. Tal sobreposição de elementos reposicionou o antigo povoado de Rio Largo como novo polo econômico, político e social, sendo elevado, em 1915, à categoria de cidade.

Logo, as relações de poder estabelecidas evidenciam-se também na disposição das edificações. A residência da família Paiva⁵, por exemplo, se encontra em um lote privilegiado no complexo fabril, condição dominante e estratégica, visto que, em cota mais elevada, possibilita a plena visibilidade do entorno para manutenção do controle sobre a região. A Figura 4 destaca os equipamentos comunitários implantados pela CAFT margeantes à linha férrea e o Rio Mundaú, sendo o número 05 a “Residência do proprietário”.

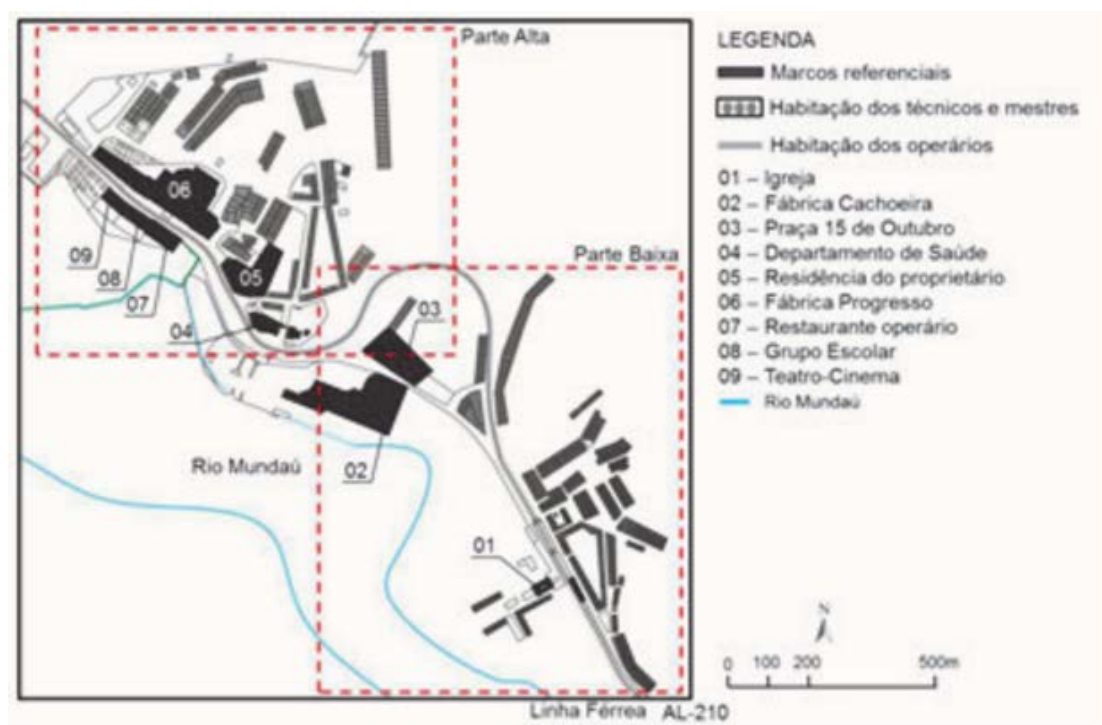


Figura 4: Espacialização das vilas operárias no sítio urbano de Rio Largo.

Fonte: VIANNA; OLIVEIRA JUNIOR, 2020.

É pertinente ressaltar que a evolução urbana da cidade de Rio Largo, passa por uma intensa influência da família Paiva, que através do Comendador Gustavo Paiva, ampliou os equipamentos do núcleo fabril: alguns voltados ao lazer, a exemplo da instalação do Cassino, Clube Operário com piscina, Cine Teatro; equipamentos voltados a educação como o Grupo Escolar, que atendia aos filhos dos operários; o Departamento de Saúde e o Restaurante Operário. Cabe salientar que apresentava mais benefícios que outras vilas operárias. Como pode ser visto na Figura 5, apesar da usina Utinga Leão ter sido inaugurada em 1894, apenas 4 anos após a Fábrica Cachoeira, quem impulsiona o desenvolvimento e adensamento urbano é a CAFT, devido à confluência econômica e histórica propícia, como apresentado anteriormente. À época, a indústria açucareira possuía uma característica mais descentralizada na formação dos núcleos urbanos.

A cidade de Rio Largo nasce do crescimento econômico gerado pelo setor têxtil e pelo açucareiro, este último representado pela Usina Utinga Leão, no entanto a forma urbana se consolidará em torno das indústrias têxteis (RODRIGUES, 2016, p.11).

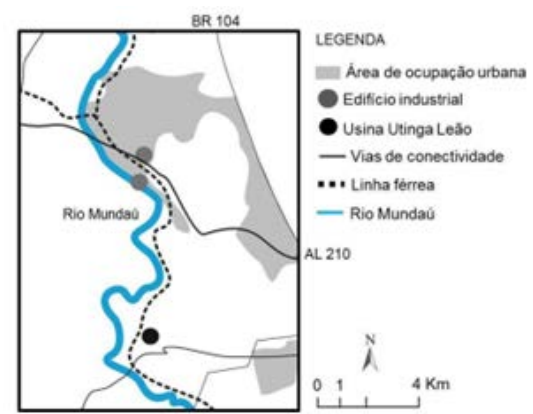


Figura 5: Localização das fábricas e formação urbana de Rio Largo.

Fonte: RODRIGUES, 2016.

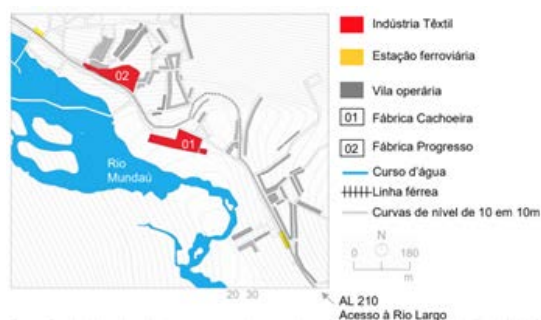


Figura 6: Distribuição espacial das vilas operárias, fábricas e massa d'água.

Fonte: RODRIGUES, 2017

Entendendo a influência das fábricas sobre a dinâmica da cidade, evidencia-se a implantação e distribuição das moradias dos operários diante da fábrica (Figura 6). Esta, por sua vez, define a centralidade urbana e o vetor gerador do adensamento populacional, situação oposta à gênese de antigas cidades coloniais brasileiras, cuja espacialização comumente se dava pela instalação de praças ladeadas por pontos religiosos (igrejas) e edifícios oficiais do Estado (como as Casas de Câmara e Cadeia). A construção da primeira igreja, Sagrado Coração de Jesus, deu-se em 1924, em uma localização não privilegiada, no que tange à topografia, mas visível a quem chegava de trem à cidade de Rio Largo (visto no item 01 da Figura 4).

No que se refere às condições norteadoras dos planos fabris, chama-se a atenção para a peculiar aparência de regularidade e padronização das casas dos operários, dispostas em filas, ao passo que os equipamentos comunitários se situavam junto à fábrica. No caso de Rio Largo, sob a mesma lógica, o assentamento das edificações passa a se consolidar a partir de vias que se abrem margeando a linha férrea e o Rio Mundaú, ocupadas pelos prédios das fábricas e a residência do proprietário, enquanto que as vias secundárias se ramificaram influenciadas pelo relevo, fazendo com que os assentamentos dos operários, na parte alta do núcleo urbano, se dispusessem de maneira dispersa. Ainda sobre a implantação das edificações, esclarece Rodrigues (2017, p. 85)

Especula-se que as constantes enchentes do Rio Mundaú que atingiam principalmente a parte baixa de Rio Largo, região onde fica a Fábrica Cachoeira, justifiquem essa concentração. [...] (i) a proximidade com o palacete do patrão, o que garantia maior vigilância das atividades dos operários (CASTRO, 2015); (ii) a questão geomorfológica do sítio, pois estão na área mais plana da cidade; (iii) a funcionalidade por meio de um zoneamento voltado às atividades urbanas; (iv) embelezamento do acesso principal do sítio, pois eram edifícios que representavam os estilos arquitetônicos em voga, diferente da maioria das moradias dos operários que estavam por trás desse percurso linear.

Em que pese as características arquitetônicas locais visíveis na paisagem urbana, é possível atestar que se imprimia uma distinção nítida em termos sociais, já que as casas assumiam posição semelhante à organização funcional dentro do espaço fabril. As máquinas dispostas em filas - para agilizar e facilitar a execução das tarefas - e a distribuição regular das casas dos operários, em

monotonia análoga à ideia de repetição e multiplicação da produção industrial. Em contraposição, evidencia-se a singularidade das edificações que devem distinguir os trabalhadores intelectuais daqueles cuja função se dá pela habilidade manual (CORREIA 1998). Observa-se que nesse sentido, não há valorização à produção individual, própria do saber-fazer, como hoje se atribui ao conhecimento individualizado dos mestres de ofício, por exemplo. Sabe-se que a lógica industrial almejava, por meio da padronização de processos e produtos, alcançar a produção em larga escala em oposição à unidade do artesanato.

3. Estrutura Social e seu reflexo nas edificações

Ao analisar a tipologia das residências que compunham a paisagem urbana, nota-se, portanto, que havia uma hierarquia social baseada nas funções de trabalho e o tipo arquitetônico das residências (Figura 7).






CARGO	ATIVIDADE NA PRODUÇÃO	SALÁRIO	MORADIA
MESTRES	CONTROLAVAM AS PRODUÇÕES	SALÁRIO MAIOR QUE OS DE MAIS, ALÉM DE GANHOS PELA PRODUÇÃO DAS EQUIPES.	
CONTRAMESTRES	CONTROLAVAM AS PRODUÇÕES, A OBSERVÂNCIA DO MAQUINÁRIO E ESPAÇO FABRIL PRODUTOR, FAZIAM MANUTENÇÃO DAS MÁQUINAS.	MAIOR SALÁRIO QUE O FISCAL, ALÉM DE GANHO PELA PRODUTIVIDADE DAS ÁREAS LIDERADAS.	 
FISCAIS	ACOMPANHAR OS HORÁRIOS DE CHAGADA E PARTIDA DOS FUNCIONÁRIOS E TODO COMPORTAMENTO E EMPENHO PRODUZIDO PELA FORÇA OBREIRA.	MAIOR SALÁRIO QUE O OPERÁRIO, ALÉM DE GANHO PELA PRODUTIVIDADE DOS OPERÁRIOS DE SUA EQUIPE.	
OPERÁRIOS	EXERCIAM AS ATIVIDADES MAIS BRAÇAS, LIGADOS AOS ASPECTOS DIRETAMENTE PRODUTIVOS.	MENOR SALÁRIO, ALÉM DE GANHO POR PRODUTIVIDADE.	

Figura 7: Estrutura de cargos x tipologia da residência.

Fonte: CASTRO, 2015

Embasado nas teorias de Foucault (1987) sobre as relações de poder, Castro (2015, p. 140) elucida acerca do espaço habitado: “Acredita-se que neste período, ou até a primeira década do século XX, não existia ainda no espaço uma distribuição racionalizada das casas dos complexos fabris... estruturou-se sob uma forma de divisão de classes”. Nota-se ainda, que as relações de poder apresentadas pela mesma autora, transcendem as questões de tipologia arquitetônica:

Esse poder disciplinar de controlar desde a vestimenta do ofício e da escola, ao médico para assistência à saúde, ou mesmo o horário de chegada e saída da fábrica com punições administrativas refletem relações disciplinares próprias do período industrial (CASTRO, p. 149).

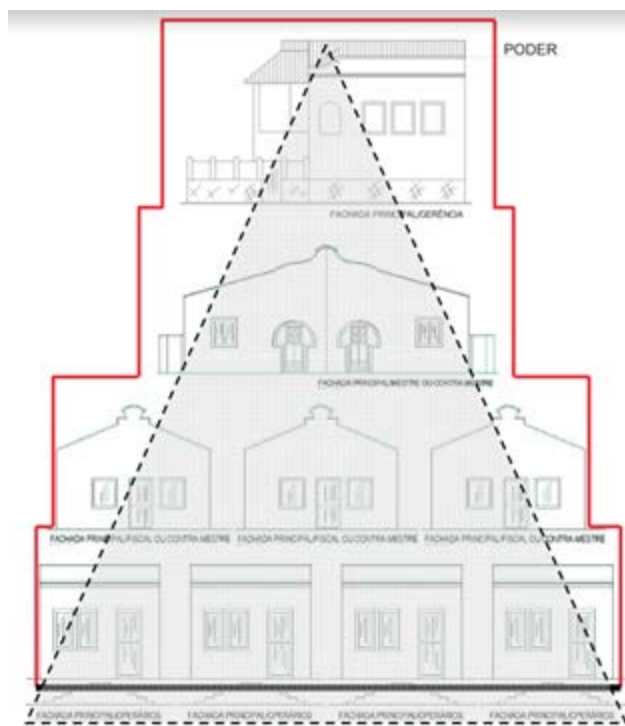


Figura 8: Triângulo de relações de poder de Foucault aplicado às tipologias arquitetônicas e às funções operárias de seus habitantes.

Fonte: CASTRO, 2015.

Oportuno enfatizar, conforme se vê na Figura 8, que os adornos estilísticos empregados na construção reforçam os signos de poder e a demarcação de uma estrutura social. Entendidos como de consumo supérfluo, os elementos decorativos, deveriam ser restritos, visto a inconveniência “do luxo, que deveria ser extinto das fábricas por ser um elemento imobilizador de um valor produtivo” (CORREIA, 1998, apud SAIA, 1989, p. 33-34). Por conseguinte, ver-se-á que as moradias estudadas mais adiante possuíam uma classe social específica em sua ocupação. As figuras 7 e 8, definem o recorte social de operários que exerciam trabalhos mais braçais, ligados aos aspectos diretamente produtivos com menor salário e ganho por produtividade.

Em que pese tal entendimento, a vila operária presente na Rua das Palmeiras, apresenta-se aqui como objeto de análise, visando aprofundar a reflexão do “*modus vivendi*” da “cidade-fábrica⁶”, que se materializa por meio da arquitetura.

4. Da singeleza da moradia

O objeto de estudo citado compreende um conjunto de edificações em uma pequena vila localizada na Rua das Palmeiras (Figura 9), de numeração 198, 199, 200 e 201.

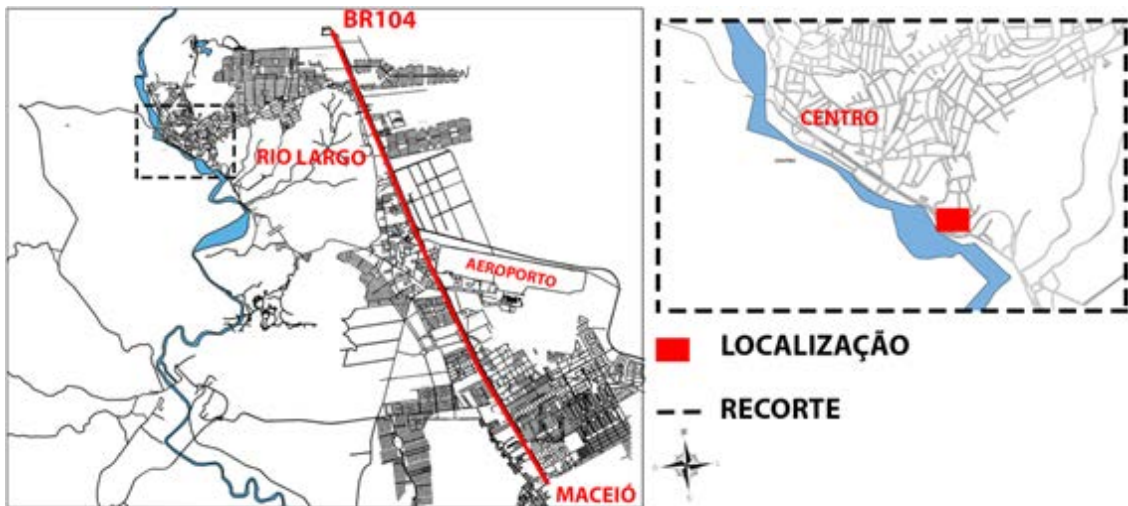


Figura 9: Esquema de localização da vila em relação à cidade.

Fonte: Autorial, 2022.

Em princípio, faz-se necessário o entendimento de que essas edificações são um espectro amostral de um conjunto maior que totalizam 7 residências (vistos no esquema da Figura 10). Atesta-se ainda, que ao observar a cidade, o olhar é atraído para a suntuosidade das edificações ecléticas, naturalmente, devido a sua monumentalidade. Contudo, seguindo as palavras de José Saramago (1995): “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. Nesse sentido, é também possível enxergar que a paisagem é fortemente impactada pela presença das singelas residências da massa operária braçal que compunham um entendimento ainda maior da relevância do patrimônio em sua constituição paisagística e cultural (ver Figura 11).



Figura 10: Conjunto completo de casas da vila operária em outubro de 2022.

Fonte: Autorial, 2022.

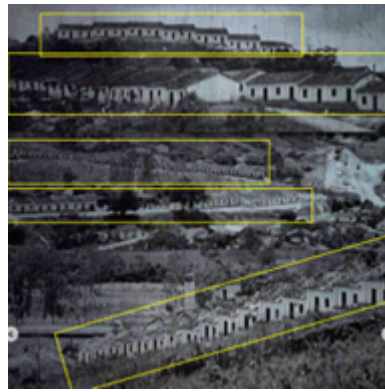


Figura 11: Imagem antiga com colagem esquemática de análise das vilas operárias na paisagem.

Fonte: Acervo Rio Largo Antiga com Intervenção autoral, 2022.

Quanto ao programa das casas deve assemelhar-se às demais de mesma tipologia, consistindo em: 1 sala de estar, 1 cozinha, 2 quartos e 1 banheiro. Na Figura 12, observa-se a espacialização geral das casas geminadas, conforme levantamento cadastral realizado em setembro de 2022.

Muito se assemelha à tipologia de residência colonial térrea, mais simplificada, vê-se estabelecido uma padronização do tipo de lote, partido de planta e das técnicas construtivas, tendo como origem o urbanismo medieval-renascentista português (REIS FILHO, 1978), como é possível perceber na estrutura primitiva da Figura 13.

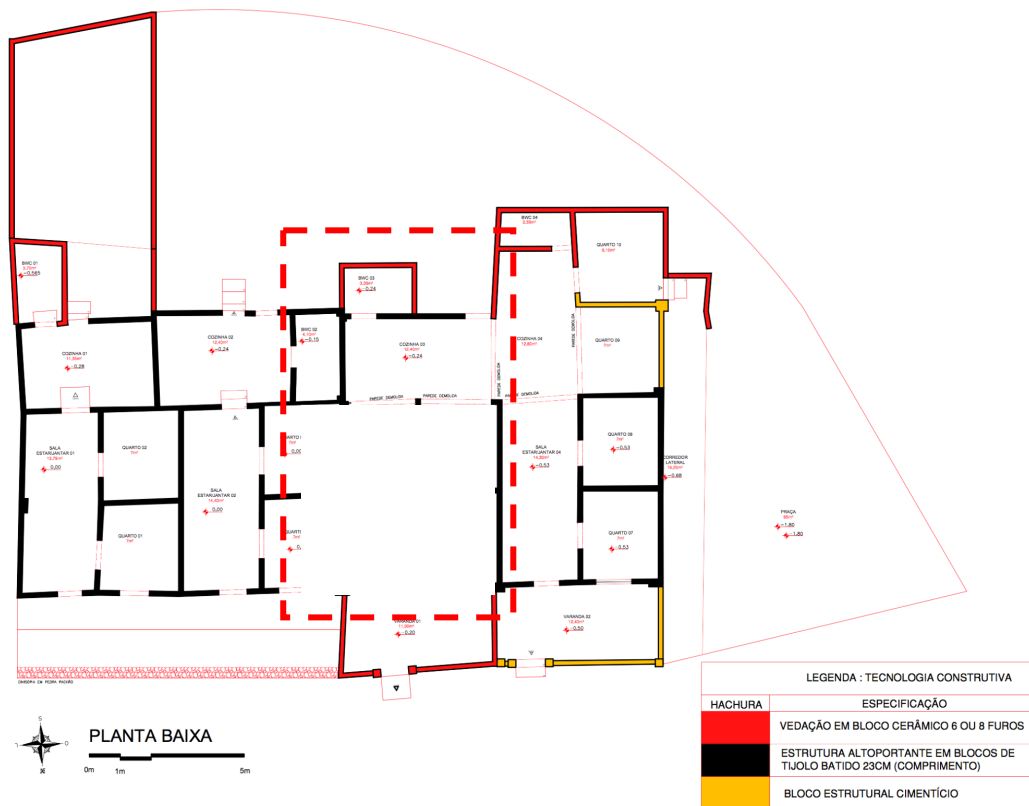


Figura 12: Planta baixa com definição dos sistemas construtivos. Destaque para a edificação 199.

Fonte: Autoral, 2022.

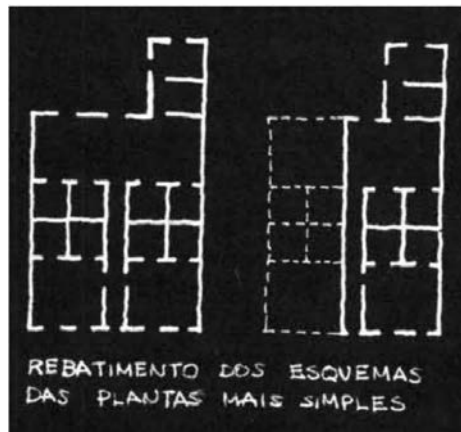


Figura 13: Esquema de tipologia da planta colonial.
Fonte: GOULART, 2000.

Em uma análise comparativa, entre as Figuras 12 e 13, pode-se relacionar o esquema de distribuição espacial, considerando a de logradouro 199 como referência, pela sua conservação enquanto definição do “modus vivendi” à época da construção. Como primeiro cômodo, vê-se um ambiente social (sala de estar) com acesso aos dormitórios, como alcovas, desprovidos de iluminação e ventilação naturais. Aos fundos há uma concentração das áreas de serviço, como cozinha e o banheiro voltado diretamente à mesma, pois havia o entendimento que são setores “sujos” e que, portanto, deveriam estar mais “escondidos”. A setorização dos cômodos, pode ser observada de forma completa na Figura 14, da qual é possível perceber uma segmentação entre ambientes de uso íntimo e social.

O conjunto residencial pesquisado apresenta uma arquitetura singela, mas carregada de referências culturais, em razão dos saberes e fazeres que se materializam em suas técnicas construtivas tradicionais que remetem aos modos de construir e habitar de tempos remotos.

O telhado deixa aparente a trama de madeira em pau roliço retirado da mata, como é possível ainda constatar na cobertura da casa 199, que se encontra, lamentavelmente, em péssimo estado de conservação, conforme visto na Figura 15. Observando atentamente, pode-se ver que as telhas cerâmicas do tipo colonial têm sua origem de fabricação na cidade vizinha, Satuba (ver Figura 16). Por meio da conexão férrea existente entre as duas cidades, acredita-se que tenham sido transportadas de trem. O que pode substanciar uma relação mútua entre as indústrias da região. Na Figura 17, pode ser observado ainda a distância em linha reta a trajetória do trem entre os dois municípios. O uso de telhas cerâmicas ainda é, em algumas regiões, um elemento tradicional na construção local, devido a aeração do ar quente.



Figura 15: Imagem do beiral da casa 199 e o tipo de madeira usada na cobertura.

Fonte: Autoral, 2022.



Figura 16: Imagem em detalhe onde se lê: FAZENDA SATUBA.

Fonte: Autoral, 2022.



Figura 17: Esquema de distância e trajeto do trem entre Rio Largo e Satuba.

Fonte: Base google maps com alterações do autor, 2022.



Figura 18: Projeção de sistema estrutural em arco abatido por modulação em tijolo cerâmico maciço.

Fonte: Autoral, 2022.

O elemento de vedação utilizado foi o tijolo cerâmico maciço do qual não se conseguiu aferir sua origem, como o caso das telhas. Através da investigação de materiais construtivos, que pode ser observado na Figura 12, induz-se qual seria o partido primitivo das residências, antes de haver as modificações e anexos. As construções em concreto armado ainda não estavam ao alcance popular e outras soluções técnicas construtivas foram adotadas, como o uso estrutural de arcos, para as vergas das aberturas, especialmente o arco abatido.

Os vãos de esquadria que possuíam desprendimento do reboco por problemas variados, permitiram uma melhor observação dessa tecnologia estrutural. Na figura 20, em tracejado amarelo, tem-se a projeção dos blocos que formam o arco.

5. Conclusão

Diante da discussão apresentada, pôde-se compreender dois fatores de ordenação social: **primeiro, que a sociedade se organizava numa dinâmica hierárquica das funções na fábrica/cidade.** Da forma que as relações sociais se baseiam nessa hierarquia, foram se construindo signos de distinção social através da expressão arquitetônica das residências. O que leva ao segundo fator de composição dessa sociedade, **a distinção arquitetônica baseada nas funções de trabalho da fábrica.**

Pelo que foi possível constatar, a grande composição tipológica da arquitetura local era formada pelas casas dos trabalhadores braçais numa cadência repetida de casas de meia morada, geminadas e com telhado em duas águas. Dessa, resulta a relevância do estudo para compreender os modos construtivos das moradias operárias. Embora configure-se ainda como edificação de caráter vernacular, executada para a camada mais baixa da pirâmide social e de produção do setor fabril, atesta-se, por meio de suas características construtivas, bem como referências aos modos de habitar e de viver, a importância de sua preservação.

Ratifica-se ainda a possibilidade de uso, atendendo às necessidades das famílias em sua rotina cotidiana, inserindo-se assim, às novas dinâmicas sociais. Ao observador atento, percebe-se, em sua dimensão imaterial, a história dos homens e mulheres que ali se instalaram e viveram, dos seus modos de organização social e da memória coletiva, dos limites do corpo operário: “No interior das casas, essa organização tendia a prosseguir na busca de um espaço com dimensões e estrutura compatíveis com a separação das funções e das pessoas conforme sexo e idade” (CORREIA, 1998, p. 98-99).

Ao examinar as peças construtivas, como o telhado, viu-se também a relação interterritorial que havia sido possibilitada pela linha férrea, no ir e vir de referências culturais e trocas, reforçando o caráter “fluido” do patrimônio imaterial no que se refere aos limites geográficos e barreiras físicas. Aponta-se, nesse sentido, para uma complexa rede de relações sociais e simbólicas que se articulam e conectam saberes e práticas, visões de mundo, experiências diferenciadas entre comunidades.

4. Referências

EDWARDS, Alan. The Development of Manchester. School of Planning, DAAP, University of Cincinnati. Disponível em: <<https://developmentofmanchester.weebly.com/>>

CASTRO, C. G. **Relações de Poder no Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo: identificando interrelações socioespaciais.** 2017. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

CHOAY, F., **O urbanismo.** Editora Perspectiva S. A., 1992

CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano operário no sertão**. Campinas, Papirus, 1998.

DOURADO, C. D., ALBUQUERQUE, J. C. de, MOREIRA, W. de A., **Paulista, a invenção dos Ludgren**. Youtube, 04 de maio de 2021.

GOULART, N. R. F. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. Editora Perspectiva, 9 ed. 2000

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Manual de Conservação de telhados**. 1999

JUNIOR, L. A. C. O., VIANNA, M. P., DA TECELAGEM AO DESMONTE: UMA ANÁLISE DA ARQUITETURA DO COMPLEXO FABRIL TÊXTIL DE RIO LARGO, A PRIMEIRA CIDADE INDUSTRIAL DE ALAGOAS. **Cadernos de graduação ciências humanas e sociais**. Alagoas | v. 6 | n.2 | p. 172-185 Outubro 2020 | periodicos.set.edu.br

NOBRE, P. A. M., RAMOS, E. M. B. **A CIDADE E O CAPITAL: um breve histórico da situação da classe operária**. Anais do I circuito de debates acadêmicos. 2011

RODRIGUES, L. R., CAVALCANTI, V. R., HIDAÇA, L. T. F., **DE INDÚSTRIA À CIDADE: CONFIGURAÇÕES URBANAS DE RIO LARGO/AL, SÉCULOS XIX-XX**. 7 congresso Luso Brasileiro Para o Planejamento Urbano, regional, integrado e sustentável 2016.

RODRIGUES, L. R. **CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL: PERSPECTIVAS SOBRE O SÍTIO INDUSTRIAL DA ANTIGA CAFT, RIO LARGO/AL**. 2017. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

SARAMAGO, José. **ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

TAVARES, Marcelo Góes. **DO TECER DA MEMÓRIA AO TECIDO DA HISTÓRIA: Operários, trabalho e política na indústria têxtil em Fernão Velho (Maceió, AL, 1943-1961)**. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. f. 37-38.

VIANNA, M. P. **Habitação e modos de vida em vilas operárias**. Monografia - Universidade de São Paulo, 2004. f. 5-6.

VIANNA, M. P.; OLIVEIRA JÚNIOR, L. A. C. (2020). DA TECELAGEM AO DESMONTE: UMA ANÁLISE DA ARQUITETURA DO COMPLEXO FABRIL TÊXTIL DE RIO LARGO, A PRIMEIRA CIDADE INDUSTRIAL DE ALAGOAS. **Caderno De Graduação - Ciências Humanas E Sociais** - UNIT - ALAGOAS, 6, n. 2, 2020. 172. Recuperado de <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/7819>.

TIMM, J. A. **Habitações Operárias no Brasil Arquitetura e urbanismo da habitação social na primeira metade do século XX**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2015.